

# Redes sociais na internet e visões polarizadas de pais de alunos

Social networks on the internet and polarized views of parents of students

**Luiz Alexandre da Silva Rosado**

*Departamento de Ensino Superior - DESU*

*Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), Brasil*

[alexandre.rosado@globocom](mailto:alexandre.rosado@globocom)

**Tatiane Marques de Oliveira Martins**

*Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Brasil*

[tatianemomartins@gmail.com](mailto:tatianemomartins@gmail.com)

## Resumo

O artigo analisa parte dos dados coletados ao longo da pesquisa *Mídias Sociais e Relacionamento Pais e Filhos* concebida a partir da parceria do grupo de pesquisa JER (PUC Rio de Janeiro) com o CREMIT (UCSC Milano) (2011-2014). Uma *rede social na internet* (RECUERO, 2009) materializa os *nós* e as *conexões* formadas nas *relações* cotidianas de pessoas e organizações, vindo a se desdobrar como fenômeno da *cibercultura contemporânea* (MACEK, 2005; LEMOS, 2007), penetrando no dia a dia das instituições escolares e influenciando as relações entre pais, alunos e professores. Os resultados fazem parte de um conjunto de questões que envolve o modo como os pais estão se relacionando com os filhos a partir dos usos sociais e recreativos de *websites* cujo foco está no relacionamento. O objetivo é compreender algumas das consequências trazidas pelas redes sociais on-line para o ambiente educacional. Recortamos aqui os resultados obtidos em um conjunto de 90 respostas preenchidas em uma ficha que foi distribuída a pais de alunos em um colégio da cidade do Rio de Janeiro no mês de agosto de 2011. As categorias que emergiram das respostas foram: (a) *relacionamento* (relações de amizade), (b) *informação* (conhecimento, aprendizagem), (c) *entretenimento e diversão*, (d) *distração*, (e) *medo* e (f) *vigia*. Além da *análise de conteúdo temática* (BARDIN, 1977), a partir do entendimento obtido em pesquisa anterior (MAMEDE-NEVES *et alli*, 2011) dos aspectos polarizados que a internet evoca com posições extremas (temor ou aprovação), optamos por entender a *valência das respostas* através das qualidades atribuídas pelos respondentes.

**Palavras-chave:** Redes sociais na internet, instituição escolar, relacionamento intergeracional.

## Abstract

The article examines some of the data collected throughout the study *Social Media and Relationship Parents and Children* designed through a partnership between the research group JER (PUC Rio de Janeiro) with CREMIT (UCSC Milano) (2011-2014). A social networking site (RECUERO 2009) embodies the nodes and the connections formed in everyday relationships of people and organizations, being a phenomenon of *contemporary cyberculture* (MACEK, 2005; LEMOS, 2007), penetrating the everyday educational institutions and influencing the relationship between parents, students and teachers. The results are part of a set of questions covering how parents are relating to the children from the social and recreational uses of websites whose focus is on the relationship. The aim is to understand some of the consequences brought about by the social networks to the educational environment. We selected here the results obtained on a set of 90 completed responses in a record that was distributed to parents of students in a school in the city of Rio de Janeiro in August 2011. The categories that emerged from the responses were : (a) *relationships* (friendships), (b) *information* (knowledge, learning), (c) *entertainment and fun*, (d) *distraction*, (e) *fear* and (f) *monitoring*. Besides the thematic content analysis (BARDIN, 1977), based on the understanding obtained in previous research (MAMEDE - NEVES *et alli*, 2011) on aspects that the internet evokes polarized (fear or approval), we chose to understand the *valence of responses* through the qualities attributed by respondents.

**Keywords:** Social networking sites, educational institution, intergenerational relationships.



## que são redes sociais? Situando brevemente o tema.

Os *softwares* voltados à explicitação das redes de vínculos se tornaram o centro das atenções nos últimos anos. Além de evidenciar vínculos/conexões (laços sociais), eles permitem a continuidade e ampliação de nossas relações com pessoas, objetos e instituições, além das restrições de espaço (proximidade) e tempo (simultaneidade).

No Brasil a emergência do fenômeno veio com o software de rede social *Orkut*, surgido em 2004 e mantido pela empresa Google. Paralelamente, vimos no Brasil a ascensão do site *Facebook*, surgido também em 2004, e todos os serviços que passou a agregar: jogos, *chat*, álbum de fotografias, exibição de vídeos, compartilhamento de links, criação de comunidades. Enquanto o Orkut em julho de 2011 tinha 45% de participação e o Facebook 18%, a relação se inverteu para 12% (Orkut) e 55% (Facebook) em julho de 2012 (GOES, 2012). Uma mudança que traduz a velocidade de tendências na adoção e no descarte de softwares de redes sociais, assim como outros *softwares/websites* da *web 2.0*, tal a facilidade de filiação (criação de perfil) que não demanda custos financeiros dos seus participantes.

As novas *redes sociais online* fazem parte do cotidiano e das relações desenvolvidas, em especial, entre os jovens brasileiros dos grandes centros urbanos e das classes A, B e parte da C. Em pesquisa amostral realizada em 2010 pelo Comitê Gestor da Internet (CGI-BR, 2012b, p. 27) no Brasil, as faixas etárias que predominavam no acesso à web eram: 10 a 15 anos (65%) e 16 a 24 anos (64%). Entre os que tinham mais de 60 anos, o percentual caía para apenas 5%, seguido pela faixa etária dos 45 aos 59 anos, com 20% de acesso à internet.

Por esse motivo os *softwares de redes sociais online*, entram hoje na pauta dos assuntos prioritários entre pais, educadores e instituições de ensino, que se perguntam: *como entrar em espaços tão ricamente habitados pelos jovens-alunos, emergidos em poucos anos de maneira super-acelerada, e tão facilmente acessíveis através de inúmeros artefatos-suportes digitais? O desnível experiencial entre as*

gerações se torna um obstáculo e novos códigos são rapidamente formados pelos mais jovens em redes que muitos pais e professores desconhecem.

Podemos dizer que o conceito de *rede*, e em especial de *rede social*, não é novo, tendo origem nas pesquisas técnicas de comunicação e ciência da informação (topologias) e nos estudos da sociologia (comunidades, grupos, trocas de capital e formação de laços sociais). Teixeira (2011) nos esclarece que já no século XVI existia o formato da rede do tipo arrastão, uma peça com malhas mais ou menos largas e com seus respectivos nós, voltadas para atividades de pesca, artefato usado como analogia para as redes técnicas contemporâneas. A unidade básica de uma rede é o *nó*, o ponto de encontro no qual uma relação (vínculo/conexão) entre os elementos (nós) que a constituem pode ser estabelecido. Uma rede é, sobretudo, uma estrutura aberta na qual novas relações e nós podem se formar desde que os integrantes tenham um código de comunicação em comum para que a relação se desenvolva, podendo ser em mão única ou em mão dupla.

Foi Paul Baran que no ano de 1964 propôs, no campo da comunicação e estudo da topologia de redes, os conceitos de rede *centralizada*, *descentralizada* e *distribuída*, evidenciando dois extremos na formação das redes: aquelas em que existe a liberdade plena de acesso a todos os pontos que a constituem e aquelas em que a centralidade em somente um ponto o torna único intermediário na passagem de um a outro nó-integrante.

É basicamente essa a classificação que Lévy (1999) distingue quando cita o modelo *um-todos* (formato de estrela), para a comunicação clássica de mídia de massa, e o modelo *todos-todos*, para a comunicação emergente nas redes digitais, em que se torna possível, porém não obrigatória, a comunicação direta entre *pessoas-nós* componentes da rede. No caso do nosso objeto de estudo neste artigo, as redes sociais na internet seriam de característica descentralizada, porém não atingindo o modelo ideal todos-todos, justamente pelo poder que os *nós-integrantes* possuem em seus perfis de criar e manter sub-redes e pontes (conexões) com outros *nós-integrantes*. O poder de vincular-se a outro *nó* da rede está na pessoa que participa e não em quem a criou.

A *abertura* e a *porosidade*, além dos elementos *conexões* e *relações*, são características fundamentais na definição das redes (digitais ou não), sendo que no *modelo um-todos*, o ápice radical da centralização, a lógica aberta de funcionamento

e a dinâmica fluida entre os *nós* deixam de existir. Nas redes de caráter descentralizado ou distribuído elas possibilitam a emergência de relacionamentos horizontais e não hierárquicos entre os participantes, embora possam existir também pontos de alta concentração de poder e centralização.

Não é por acaso que os estudos da interação mediada por computador (PRIMO, 2007) e da interatividade (SILVA, 2006), ambos focados nas relações estabelecidas e nos meios que são utilizados para promovê-las, ganham força com o advento das redes digitais, pois são nesses espaços que o contraste com a comunicação unidirecional e centralizada das mídias de massa clássicas são evidenciados frente o ambiente de ideologia libertária da internet. O próprio movimento da *cibercultura nascente* característica dos anos 70 e 80, dentro dos laboratórios universitários estadunidenses, funda-se em uma ideologia libertária e de quebra de hierarquias e, conseqüentemente, das redes de poder altamente centralizadas, como governos e empresas (MACEK, 2005).

As *redes sociais na internet*, voltadas à explicitação dos relacionamentos do amplo espectro de pessoas que a habitam, formam uma subcategoria do amplo universo de redes sociais existentes e emergem ligando pessoas através dos computadores, sejam eles de mesa (*desktops*) ou móveis, se adaptando plenamente aos celulares com internet e os novos *tablets*. Como estamos falando de *redes de pessoas* quando nos referimos a softwares de redes sociais na internet, devemos ter em mente que um sistema representativo não é a realidade que representa. Portanto, as conexões mantidas são, muitas vezes, múltiplas, culturalmente situadas e dinâmicas, a partir de acordos e normas reforçadas nas ações cotidianas *dentro ou fora da rede online*, podendo passar despercebidas e, portanto, não deixar rastros no ambiente online.

## O temor frente aos “nativos” se justifica?

Os *suportes digitais* são caracterizados atualmente pela *conexão permanente* em redes fixas (ponto situado no espaço geográfico) e móveis, com deslocamentos livres dos suportes conectados através daqueles que os portam, o que resulta na *sensação de ubiquidade*. Tanto em uma como em outra modalidade, os suportes oferecem a capacidade de criação de conteúdos na forma de autoria independente ou através de comunidades virtuais. Este movimento de criação e compartilhamento

caracteriza a dinâmica da *web 2.0* e dá forma ao conceito de *inteligência coletiva* vislumbrado nos anos 1990 (COSTA, 2005, p. 244-246).

Dessa forma, os suportes digitais conectados levam serviços variados a quem os acessa, dentre os quais estão os *softwares de redes sociais*, que aos poucos vão agregando serviços de compartilhamento de sites, vídeos, imagens e mensagens textuais, tendo como unidade básica (nó) de sua estrutura o *perfil* do participante da rede. Os suportes digitais estão cada vez mais presentes, tanto fisicamente, quando alcançam a cifra dos 256 milhões de aparelhos celulares no Brasil (LANDIM, 2012), quanto em tempo dedicado ao uso dos mesmos, gerando opiniões distintas de pais, professores e instituições educativas sobre como devem ser apropriados no cotidiano pessoal e escolar.

Como era de se esperar, quando uma nova camada de tecnologia entra no dia a dia das pessoas, os *softwares de redes sociais* conectados via *internet* trazem diversos temores entre os adultos. As gerações dos anos 1990 e 2000, dependendo da economia e cultura local, já nasceram inseridas nesse novo contexto, mergulhadas nas variadas mídias, tanto as de configuração analógica quanto as digitais. Nas regiões mais avançadas econômica e tecnologicamente (EUA e países da União Europeia), cogitava-se já em 2001 a existência de uma geração “nativa digital”.

Comparada aos “imigrantes digitais”, essa geração tem uma forma de existir integrada e dependente em seu cotidiano dos suportes digitais, sem dificuldades de aprendizado e adaptação às mudanças constantes de aparelhos e serviços online (PRENSKY, 2001). Não existe para eles um “antes” e um “depois” quanto ao uso de suportes digitais, sendo que, utilizando ainda a metáfora antropológica, não existe neles um estranhamento quando se deparam com suportes digitais, pois nasceram já imersos no “mundo digital”. Segundo Prensky (2001), o mais preocupante é que esses jovens estão recebendo uma educação criada a partir da cultura formada com os suportes analógicos, impressos ou eletrônicos de transmissão massiva, voltada à memorização, ao uso de testes e ensino passo a passo.

Santaella (2010) alerta que o modo de aprendizagem surgido com os suportes digitais móveis é ubíquo, mais caótico (ou menos sequencial) e atende à necessidade informacional assim que ela surge, pois a rede está acessível a qualquer hora e lugar. Para a autora, é necessário entender que a nova modalidade

de aprendizagem ubíqua extrapola a clássica dupla ensino-aprendizagem, mesmo quando nos referimos a já estabelecida EaD massiva e via AVAs (Ambientes Virtuais de Aprendizagem), pois os artefatos digitais móveis e de conexão contínua permitem formas de acesso a informações que dispensam totalmente a intermediação de instituições formais.

Atividades simultâneas (multitarefa), leitura rápida e randômica de assuntos diversificados, jogos de computador e celulares permanentemente conectados à internet caracterizam os jovens dessa geração. Santaella (2004) constatou *novos perfis de leitura* e uma outra forma de lidar com a cognição, contrastada com o modo contemplativo do leitor de suportes impressos (livros, revistas e jornais) concentrado por longas horas dentro de uma biblioteca silenciosa.

De acordo com o que vivenciamos hoje, o movimento de adesão aos *softwares de redes sociais* vem crescendo em progressão geométrica. Cresce a preocupação com serviços voltados aos jovens e ao seu contexto escolar formal, uma tentativa de aproximar dois espaços ainda tão distintos e pouco integrados. Por essa realidade, entendemos que há uma necessidade de parceria com os alunos, pois cabe aos professores assumir e praticar o exercício da *alfabetização digital* e da *alfabetização crítica* na escola, em mão dupla e reconhecendo as características geracionais de cada um dos polos da *díade jovem-adulto* (ou *nativo-imigrante*).

Por outro lado, cabe aos pais orientar seus filhos de modo a perceber que o mundo “virtual”, no sentido de algo intangível e imaterial, também está entrelaçado com o social “real” e é, portanto, cada vez mais presente e com consequências concretas na vida “presencial”. Não é porque um jovem é “nativo” de ambientes digitais que suas atitudes serão restritas e terão consequências exclusivas nesse novo meio, pois as relações sociais e os laços derivados da manutenção das mesmas não estão restritos ao ciberespaço. As relações serão, pelo contrário, entrelaçadas com a totalidade do ambiente social e cada vez mais naturalizadas no cotidiano das gerações conectadas continuamente a esses espaços. Para Sherry Turkle (CASALEGNO, 1999, p. 118-120), as fronteiras estão cada vez mais traspassáveis.

Se a Internet parece uma “terra sem lei”, gerando *medo* naqueles que não a conhecem ao menos um pouco, as duas instituições, escola e família, não podem negligenciar a necessidade de educar, em mão dupla, as novas gerações no uso

cotidiano da rede, mesmo que a percepção sobre os hábitos e modos de agir e entender o mundo desse “nativo digital” seja difusa. Logo, foi para entender melhor as posições e percepções dos pais de alunos sobre as redes sociais na internet que fizemos a pesquisa detalhada a seguir.

## Descrivendo a pesquisa e suas etapas

Para entender a *díade alunos-pais* no contexto da sociedade contemporânea mergulhada no uso de suportes digitais, e também de acordo com o interesse do grupo de pesquisa *Jovens em Rede*, aplicamos, em agosto de 2011, durante reunião bimensal de professores e responsáveis em um colégio tradicional na cidade do Rio de Janeiro, uma pesquisa sobre as *redes sociais na internet*. Os responsáveis presentes receberam uma ficha contendo duas perguntas:

---

Solicitamos que respondam às duas questões abaixo:

1. O que vem imediatamente à sua “cabeça” quando você pensa em redes sociais (Orkut, Facebook, Twitter etc.)?

2. Você faz parte de alguma dessas redes sociais?

( ) Não. ( ) Sim. Qual? \_\_\_\_\_.

---

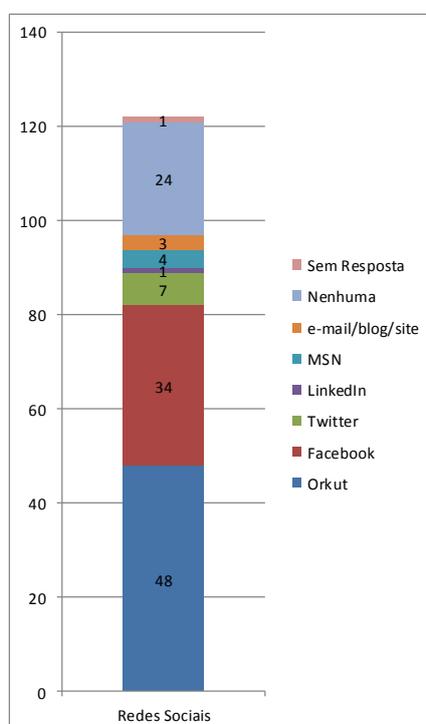


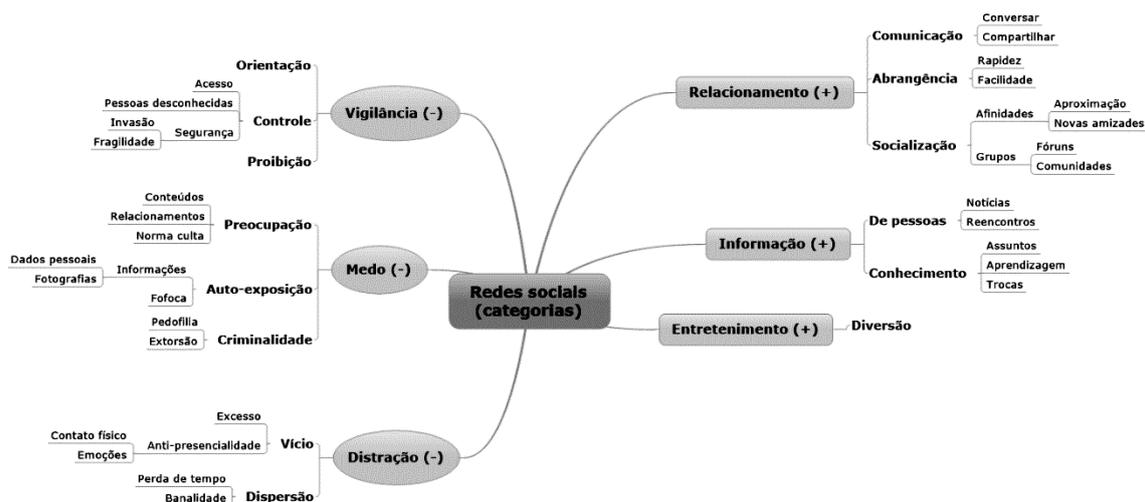
Gráfico 1 - Participação e não participação em redes sociais.

A partir dos dados obtidos com a ficha, pretendemos expor neste trabalho algumas aproximações a respeito das representações (ideias, concepções mentais) expressas pelos pais sobre as *redes sociais na internet*. Levando em consideração que a pergunta de número 2 é objetiva, a primeira análise se valerá apenas da participação ou não desses responsáveis em alguma rede social na internet.

Conforme o gráfico 1, dos 90 respondentes, 65 (72,2%) disseram *participar* de alguma rede social na internet. De modo geral, nota-se, entre esses pais, um amplo conhecimento sobre o que são os softwares de redes sociais a partir de suas respostas detalhadas, mesmo quando estes declaram não pertencer a rede alguma. Com isso, percebemos que as redes sociais não são algo que faz parte somente do universo cotidiano dos filhos, embora não tenhamos perguntado a intensidade da participação dos pais nesses ambientes.

A análise das respostas da pergunta número 1 permitiu-nos criar, a partir do implícito nos discursos dos pais pela análise do explícito na seleção lexical, das *pistas aparentes* (Koch, 2005a, 2005b, 2006), as categorias a respeito da visão dos responsáveis sobre as redes sociais na internet. Ao mesmo tempo, quando cruzada com as respostas da pergunta número 2, permitiu-nos saber se o discurso de determinado respondente fazia parte do cotidiano de alguém que utilizava ou não utilizava redes sociais na internet.

Ao final do trabalho de categorização, percebemos a existência de *ideias positivas* a respeito do uso dos softwares de redes sociais, tais como “RELACIONAMENTO”, “INFORMAÇÃO” e “ENTRETENIMENTO”. Por outro lado, vimos que as *ideias negativas* se manifestaram em outras três grandes categorias, denominadas “VIGILÂNCIA”, “MEDO” e “DISTRAÇÃO”. Além dessas seis categorias básicas, verificamos também a existência de respostas vagas ou que nomeavam os *softwares de redes sociais*, o que impossibilitou-nos a apreensão exata da posição desses respondentes, sendo simplesmente atribuída a categoria “NOMEAÇÃO”.



**Gráfico 2** - Categorias encontradas nos discursos e hierarquizadas a partir de seis eixos principais (lado esquerdo as mais negativas e no lado direito as mais positivas).

Portanto, a partir dessas categorias, que não são estanques nem limitadas em si mesmas, notamos a existência de visões que classificamos de acordo com o grau das qualidades expostas sobre as redes sociais e o viés de *aproximação/simpatia* ou de *repulsão/afastamento* expressado pelos respondentes. Chegamos, dessa forma, a visões “positivas”, “positivas condicionais”, “negativas”, “neutras”, “positivas → negativas” e “negativas → positivas → negativas”. Esses valores foram estipulados de acordo com a seleção vocabular empregada e pela interpretação do sentido através do contexto expressado na resposta.

CAMADAS DE CLASSIFICAÇÃO APLICADAS A CADA RESPOSTA		
Qual visão?	Utiliza rede social na internet?	Categorias
Positiva	Sim	<i>Negativa1</i> : Vigilância (Orientação / Controle / Proibição)
Positiva condicional	Não	<i>Negativa2</i> : Medo (Preocupação / Autoexposição / Criminalidade)
Negativa		<i>Negativa3</i> : Distração (Vício / Dispersão)
Neutra		<i>Positiva1</i> : Relacionamento (Comunicação / Abrangência / Socialização)
Positiva → Negativa		<i>Positiva2</i> : Informação (De pessoas / Conhecimento)
Negativa → Positiva →		<i>Positiva3</i> : Entretenimento (Diversão)
Negativa		

**Tabela 1** - Camadas de classificação aplicadas a cada resposta.

É interessante destacar que, em trabalho anterior (MAMEDE-NEVES *et alli*, 2011), foi detectado, através de levantamento de matérias veiculadas na mídia impressa de grande circulação (Revistas Época e IstoÉ), que ainda paira sobre os suportes digitais uma *abordagem de extremos*, nas quais ora são destacados aspectos positivos, ora são destacados aspectos negativos. Exemplos são matérias jornalísticas que citam de modo otimista o nascimento de uma nova cognição ampliada e um novo ser humano multitarefa e no extremo oposto lamentam a falta de diálogo e o vício, por parte da geração contemporânea de jovens, em passar horas na frente da tela de computadores e celulares.

Do mesmo modo, acompanhamos nas discussões acadêmicas autores que são otimistas quanto às aplicações das tecnologias digitais no cotidiano, como Shirky (2011; 2012) que analisa os movimentos surgidos pela facilidade das pessoas em se associarem em tarefas coletivas utilizando a rede internet e Lévy (1999) que aponta os fundamentos de uma nova cultura proveniente das interações dentro do ciberespaço. Outros se colocam no papel de alertar quanto a configurações sociais que se assemelham mais a um *culto à internet*, como em Breton (2000) que destaca a ideia sessentista, contracultural, de libertação do corpo das restrições materiais que limitam seu deslocamento. São raras as posições que analisam as tecnologias digitais emergentes sem tomar uma posição a respeito de qual rumo a sociedade deve tomar a partir de seus usos (tendências).

De fato sabemos que existem tais aspectos e que fazem parte do comportamento de quem os utiliza, mas essa dicotomia tende a se tornar paralisante quando se radicaliza na oposição *mídia boa versus mídia má*, distinguindo-se universos que na realidade estão entrelaçados. Tal dicotomia revela a existência de uma falta de compreensão de longo prazo (histórica) a respeito da produção e dos usos dos suportes de comunicação e informação, pois esse modo de apreender e qualificar a técnica se torna extremamente generalizado e, ao mesmo tempo, *projeta nos artefatos* a responsabilidade de ações que são resultado de interações contínuas de pessoas *junto e através* do uso desses objetos.

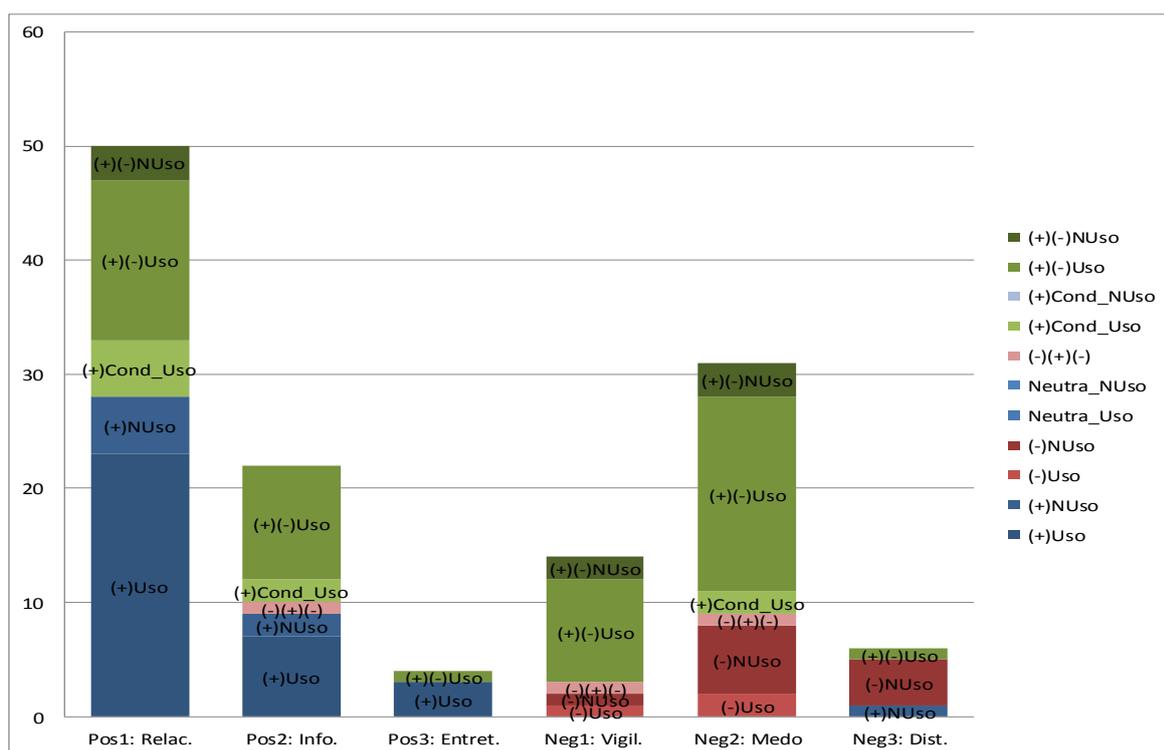
Se tais ameaças e benesses existem, elas fazem parte, antes de tudo, da multifacetada forma que pessoas e objetos agem em sua interação cotidiana e como vão atribuindo e partilhando significados no uso contínuo desses objetos. É fácil presumir que, seguindo a tendência geral de produção de dicotomias detectada em

matérias jornalísticas e na literatura acadêmica, quanto aos usos que surgem com estes dispositivos, dois tipos de abordagens, ou tendências, predominam nas respostas dos pais a partir dos discursos veiculados e repetidos em nosso cotidiano: *positiva/negativa; aprovação/temor, simpatia/repulsão*.

A partir dessa dualidade, tão comum na sociedade contemporânea em relação aos suportes digitais conectados em rede, vamos observar os indícios de representações dos pais e responsáveis que participaram desta pesquisa, tomando como base a qualificação daquilo que disseram.

### **Análise das respostas dos pais e responsáveis.**

Vejamos os dados quantitativos a respeito das categorias encontradas nas respostas quando cruzadas com os tipos de visões. Os 90 respondentes ficam distribuídos deste jeito, segundo a participação ou não nas redes sociais e a qualificação deles nas diferentes visões:



**Gráfico 3** - Classificação dos pais e responsáveis em usuários e não-usuários de redes sociais, em relação à qualificação e às seis categorias principais de análise.

Como mostra o gráfico 3, verificamos que 45 (50%) responsáveis que responderam ao questionário demonstram algum *medo* e ou a *necessidade de vigiar* o uso das redes sociais ou internet por seus filhos ou família. Isso significa que dos 90, somando o respondente que não se posicionou sobre ser ou não usuário das

redes sociais – mas que reflete sobre o perigo dessas redes – *a metade têm uma visão final negativa das redes sociais.*

Quatro responsáveis desse total de 45 apresentam posicionamentos interessantes, que destoam da grande maioria: dois destacam a questão do *real versus o virtual*, chamando a atenção para a visão dicotômica que os responsáveis têm de mundos distintos em oposição; outro critica o lado negativo da aprendizagem da língua materna escrita “Apresenta uma ‘nova’ forma de escrever, dificultando o aprendizado da língua portuguesa.” (R78), e o último (único responsável a fazer isso) parece ter uma visão crítica do *medo que a internet impõe* às pessoas que a desconhecem: “Novos meios de comunicação de massa e que ainda (são) pouco usados por preconceitos e falta de conhecimentos.” (R87). Ele faz uma crítica real ao modo como as pessoas usam e veem as redes sociais.

Se considerarmos que as respostas que contêm uma condição para que o uso das redes sociais seja visto como positivo possa não ser cumprido, temos aí a possibilidade de outras cinco respostas pendendo para o negativo, o que levaria a uma relação de 50 (55,5%) dos 90 respondentes.

A partir dos *seis eixos-categorias* organizaremos e discutiremos as respostas.

### **Categorias consideradas POSITIVAS.**

- **RELACIONAMENTO entre as pessoas como principal resposta.**

Em 50 respostas encontramos a ideia de que as redes sociais promovem o *relacionamento* entre as pessoas, entendido aqui como (a) capacidade de se *comunicar* através de compartilhamento (de links, de dados, de informações pessoais, de notícias) e de manutenção de conversa, assim como (b) a capacidade de se *socializar* através de comunidades virtuais e fóruns, se aproximando de pessoas e cultivando novas amizades no ato contínuo de criação e manutenção dos laços sociais.

Essa foi a categoria mais expressiva entre todas as demais e evidencia a força das redes sociais na internet em promover a ideia de formação e manutenção de vínculos, de permitir que as pessoas se relacionem e construam laços, sejam mais fortes ou mais fracos. Segundo Recuero (2009), as pessoas ao se manifestarem na internet, diferentemente das relações presenciais, precisam criar perfis, páginas pessoais, sites, e, através dessas *representações de si*, elas criam os

vínculos e manifestam a sua identidade no ciberespaço, podendo formar laços sociais fortes ou fracos, dependendo da manutenção das conexões criadas.

Expressões como: “oportunidade de manter relações de amizade” (R3), “busca por novas amizades” (R12), “Socialização entre amigos” (R39), “lugar onde podemos nos relacionar com outros indivíduos” (R43), são repetidas de diversas formas ao longo das respostas, evidenciando certa redundância, visto que a expressão *redes sociais* manifesta explicitamente que tais espaços são voltados para a socialização e a formação de vínculos. Faz-se importante destacar que a ideia básica de rede social se mostra clara, mesmo que os respondentes não tenham um conceito formal a respeito das mesmas, pois basicamente suas respostas contêm a ideia de vínculo e a sua manutenção através de atos de comunicação e interação.

Dessas 50 respostas, 28 foram ditas por pessoas cuja visão das redes sociais é exclusivamente positiva, sendo 23 participantes e 5 não participantes. É importante enfatizar que ninguém com visão totalmente negativa das redes sociais destacou esse aspecto. Ao contrário, disseram que as redes sociais na internet, dentre outras coisas, “são utilizadas ‘apenas’ para conhecerem ‘a vida particular’ dos outros cadastrados e conversam ‘basicamente’, sobre banalidades diárias” (R11), evidenciando o caráter dispersivo e invasivo dos novos espaços online.

Dentre os que têm uma visão positiva/negativa, 17 mencionam o lado positivo da promoção das *relações sociais*. Três desses 17 não são participantes das redes sociais. Entretanto, como a própria visão demonstra (positiva/negativa), esse benefício sempre é contraposto ao medo, à necessidade de vigia e à orientação, como vemos em: “Uma ferramenta que facilita muitas vezes o encontro de pessoas que há muito tempo não se via, *porém* o ponto mais negativo é que qualquer tipo de pessoa acessa e os nossos filhos ficam a ‘mercê’ destas pessoas mal intencionadas.” (R4), “relacionamento e maior interação entre amigos e muita preocupação.” (R59).

Os 5 últimos do grupo de 50 respostas provêm das concepções consideradas positivas a partir de uma condição (Se for... / Se não for... / Sabendo usar...) em relação ao que é exposto. Isso nos mostra que, segundo tais respostas, as redes sociais promovem o contato e as relações sociais, mas é necessário usá-la com cautela e discernimento, como podemos perceber nas respostas a seguir: “Se for

*utilizada de forma cautelosa e [sic - é] um bom veículo para divulgação de assuntos e notícias, e uma forma de manter contato com pessoas amigas de outros estados e países.”* (R16), “Manter contato com amigos que moram longe, manter contatos profissionais, com propagandas avisando sobre cursos e concursos (quando se entra em comunidades ou fóruns sobre os mesmos). *Sabendo usar essas redes sociais*, nos traz bastante [sic] conhecimentos.” (R76), “Exposição. Embora eu utilize e considere uma ótima forma de manter contato com pessoas que estão distantes, *se não for bem administrado* expõe sua vida e família a estranhos.” (R86).

De modo geral, percebemos que a principal consequência das redes sociais na internet, a geração de vínculos com pessoas independente de instituições, relações de parentesco e localização geográfica, é vista tanto como benesse como um grande problema, um risco em potencial especialmente para os mais jovens. No implícito dos discursos, os responsáveis supõem que os filhos são pouco ou menos capazes de distinguir os bons dos maus vínculos, cabendo atitudes diversas de contenção, que vão desde a orientação até a radical proibição de uso.

É importante destacar que dentro da categoria *Relacionamento*, o *potencial comunicativo* é visto por 23 respondentes, o que não surpreende quando sabemos que a comunicação é a base para a formação de laços sociais, em uma interação mútua (Primo, 2007). A maioria participa das redes sociais na internet, o que demonstra por parte dessas pessoas, apesar do pequeno número, conhecimento do papel das redes. Treze deles têm uma visão positiva (10 participantes de redes sociais na internet, 3 não participantes): “posso me comunicar c/ [sic] amigas de outras cidades, estado.” (R20), “Meio de comunicação.” (R29), “Tecnologia. Comunicação instantânea. Rapidez na comunicação.” (R5).

Os que têm uma visão negativa das redes sociais não demonstram a visão de comunicabilidade a não ser um respondente que trata da “conversa”: “e conversam ‘basicamente’, sobre banalidades diárias” (R11). Não deixa de ser comunicação entre pessoas, mas vista como inútil ou como perda de tempo.

Os últimos 6 que destacam essa qualidade são usuários das redes sociais e têm uma visão positiva/negativa: “Meio de comunicação que tem duas necessidades” (R15), “É um meio de comunicação entre os jovens tendo boas [sic] e mas [sic] resultados” (R34). Do grupo que impõe alguma condição, um respondente

expõe a ideia de comunicação: “Avanço, facilidade de comunicação, que, como qualquer coisa, quando bem utilizados, melhoram a nossa vida.” (R19).

- **INFORMAÇÃO e suas múltiplas acepções.**

Outra categoria encontrada nas respostas é a de *informação*. A informação é entendida aqui não somente como ação ou ato de informar-se sobre algo, mas também como desenvolvimento de aprendizagem e construção de conhecimento, indicando um processo que, além de simples apreensão, também denota a relação de troca com os outros *nós-participantes* da rede. Poderíamos dizer que a informação é a “substância” pela qual são feitas as relações, os laços sociais através da manutenção mais forte ou mais fraca da comunicação entre os participantes da rede social.

As duas formas de informação destacadas pelos respondentes foram: (a) a respeito *de pessoas*, sabendo-se notícias a respeito delas ou promovendo reencontros, e (b) *de conhecimento*, através das trocas permitidas pela rede e a aprendizagem de diversos assuntos a partir delas. São, portanto, modalidades de informação que apresentam significado, que fazem sentido dentro de contextos nos quais os participantes da rede estão inseridos.

Apenas 22 dos 90 respondentes expuseram em suas falas a ideia de informação, o que é um dado em si mesmo, pois as redes sociais *não* são vistas por boa parte deles como um local de aprendizagem e obtenção de informações através de trocas com outros participantes da rede, ao menos não como primeira ideia que vem logo à mente quando pensam sobre as mesmas.

Pouco menos da metade deles (9) tem uma visão positiva das redes, sendo 7 participantes e 2 não participantes: “acesso a informações” (R6), “conhecimento” (R36), “importante fonte de consulta” (R2). O único respondente que não informa se é ou não participante das redes sociais também expõe essa qualidade: “Algumas pessoas usam de forma errada a internet pois é um meio de comunicação que contém informações que podem ajudar a enriquecer o nosso conhecimento. E também tem a parte que destrói (...)” (R73). Entre os que têm visão negativa das redes sociais, apenas 1 respondente menciona a informação. Entretanto, tal categoria nesse caso não representa noção de conhecimento ou aprendizagem, apenas um conjunto de dados sobre alguém (autoexposição). Há um certo medo

exposto: “(...) fica-se ‘viciado’ a consultar diariamente esses espaços e também a colocação de informações particulares que podem ser usadas para todos os fins.” (R41).

Dos que apresentam uma visão positiva/negativa, encontramos 10 participantes das redes sociais na internet que mencionam a categoria *informação*, podendo ser vista como ato de informar-se: “onde nos informamos de tudo que está acontecendo à nossa volta”. (R22), “(...) Aproveito a oportunidade, falando de internet, como um modo de aprimorar o aprendizado do aluno e manter uma proximidade nas relações entre escola-família, (...)” (R48) “Facilita a comunicabilidade e o acesso às informações nos tempos atuais. (...)” (R78), ou como orientação, aprendizagem: “devemos informar nossos filhos quanto ao uso” (R22).

Dentre os que têm uma representação positiva, mas impõem condições que demonstram o medo do desconhecido, 2 falam da *informação*: “bom veículo para divulgação de assuntos e notícias” (R16) e “propagandas avisando sobre cursos e concursos (...) Sabendo usar essas redes sociais, nos traz bastante [*sic*] conhecimentos.” (R76).

- **ENTRETENIMENTO e diversão: pouca presença nas respostas.**

A ideia de *entretenimento* e *diversão* aparece em apenas 4 respostas, sendo todos participantes de redes sociais na internet. Essa pouca representatividade mostra-se, no mínimo, curiosa, visto que muitos veem as redes sociais e a internet como base para jogos, brincadeiras, “papo-furado” etc: “Socialização, troca de ideias, entretenimento e busca por novas amizades.” (R12), “Amizade, diversão e conhecimentos.” (R44), “Diversão e troca de informações.” (R56) e “Muita informação, entretenimento e facilidade de relacionamentos. Porém, muita maldade.” (R69). Talvez os respondentes não a usem para passar o tempo, para o lazer, e vejam sua função a partir de outros propósitos, em especial o relacionamento, a comunicação e a troca de informações.

Interessante que a ideia de *perda de tempo*, que muitas vezes ratifica a ideia de diversão e destaca a noção de pouca seriedade, também aparece pouco. Em apenas três respostas, sendo todas de não-participantes das redes sociais e com

uma visão negativa delas, quando associam ao vício e a não presença no “mundo real”: “Há um exagero na sua utilização. Perde-se muito tempo com estas atividades.” (R74), “Em volta de uma simbologia de interação e modernidade, somos levados a uma "enorme" perda de tempo e de falta de atenção onde (quando) fica-se "viciado" a consultar diariamente esses espaços” (R41) e “(...) As pessoas desprendem muitas horas do seu dia ficcionadas [sic] perante o computador em tais redes e deixam de vivenciar momentos prazerosos com seus familiares e amigos, de fato.” (R90).”.

### **Categorias consideradas NEGATIVAS.**

- **MEDO e/ou necessidade de manter VIGILÂNCIA.**

A menção ao *medo* e/ou à *necessidade de vigiar* se destaca, pois as duas categorias, unidas, estão presentes em quase metade das respostas: 31 falam em *medo* e 14 em *vigia* (45 no total), sendo que 5 dentre esses dois grupos falam das duas categorias ao mesmo tempo.

As construções adversativas e condicionais que detectamos no questionário nos levaram a perceber que, mesmo quando havia uma visão positiva a respeito das redes sociais na internet, os respondentes demonstravam o *temor* pelo “desconhecido” *mundo online* e como sentem, em parte, a necessidade de *vigiar* os modos de utilização e os relacionamentos desenvolvidos pelos filhos neste ambiente. Essa necessidade de contrapor visões evidencia um maior cuidado com um ambiente novo, surgido recentemente, e que merece atenção e orientação por parte dos “imigrantes digitais” que sentem *medo* quanto à segurança dos filhos na rede internet.

Embora o *medo* seja uma emoção básica, como afirma Solomon (1995, apud SANTOS, 2003, p. 49), isso não quer dizer que seja um fenômeno humano universal, de base puramente orgânica, neurológica. Na verdade, o significado atribuído ao medo varia de cultura para cultura e de época para época, pois se configura uma construção social e historicamente situada. Atualmente nossa cultura está mergulhada na ideia de que não se deve confiar em nada e em ninguém (KOURY, 2011), ou seja, um estado de *desconfiança* permanente perante o outro a partir de um ambiente em que as condições gerais são altamente instáveis.

Logo, o medo contemporâneo tem relação direta com a desconfiança sobre o outro, com a potencial ameaça gerada nos vínculos que fazemos, sendo que nas redes sociais na internet essa desconfiança aumenta ainda mais, pois o potencial de se fazer conexão com pessoas fora do círculo próximo de amizades conhecidas é aumentado na medida dos milhões de perfis que fazem parte hoje do Facebook e *sites* similares.

Costa (2005) nos aponta para uma mudança no conceito de *comunidade*, pois as redes sociais na internet expandem o conceito de relações e vínculos afetivos, ampliando o espectro de ação da pessoa para além de sua comunidade local, de seus vínculos parentais e institucionais, o que foi traduzido na forma de desconfiança, preocupação, medo e vontade de controlar a vida online dos filhos. Cabe esclarecer aqui que além da ampliação e manutenção de vínculos criados em instituições do “mundo real e físico”, existe também laços sociais criados exclusivamente no ciberespaço, em comunidades virtuais e outros espaços de interação (*chats, blogs, games*), gerando apreensão nos pais que não podem mais conhecer a totalidade dos locais em que seus filhos estão circulando e a natureza das conexões, dos laços sociais, que estão fazendo.

Segundo Koury (2011), a *cultura do medo* instaurada hoje na sociedade faz as famílias de jovens e adolescentes terem uma desconfiança até dos amigos mais próximos de seus filhos. Além disso, o autor expõe que essa cultura isola as pessoas criando uma “barreira invisível” que as afasta e as faz temer “a tudo e todos e nunca confiar no outro” (2011, p. 477). Para Santos (2003, p. 48), o medo “é um tema que vem atravessando o cotidiano e marcando de forma cada vez mais palpável a vida coletiva e individual, o que leva à modificação de comportamentos sociais e hábitos mentais”. Embora discordemos da visão geral de Keen (2009), temos de concordar com ele quando diz que “a verdade e a confiança são os bodes expiatórios da revolução da Web 2.0” (p. 23). Isso provém da possibilidade de anonimato ou uso de pseudônimos nas mídias digitais, permitindo a criação de laços sociais independentes do conhecimento da identidade da pessoa no “mundo real e físico”.

Tais temores, entretanto, não são novos. De acordo com Briggs & Burke (2004), “os historiadores sociais, por exemplo, mostraram que a invenção da impressão gráfica mudou a estrutura ocupacional das cidades europeias” (2004, p.

30). Os autores relatam os medos dos escribas, escritores, homens da Igreja. No século XVI, um escritor italiano queixava-se da quantidade de livros produzidos. Segundo ele, eram tantos que nem era possível ler seus títulos (2004, p. 29).

O temor em relação à nova tecnologia explodia por todos os lados, assim como hoje o vemos. A Igreja Católica temia a livre interpretação dos textos sagrados à medida que muitos passavam a ter acesso a eles sem a interlocução de um especialista. Da mesma forma, a diminuição do tamanho dos livros promovia cada vez mais o isolamento para a leitura. Assim, “os perigos da leitura privada eram frequentemente discutidos (...) a atividade era vista como perigosa, especialmente quando praticada por grupos subordinados, como mulheres e ‘gente comum’” (2004, p. 70).

Do mesmo jeito, hoje, vemos os críticos e insatisfeitos se multiplicando e fortalecendo a cultura do medo. Afinal, os chamados por Briggs & Burke de “gente comum” e “grupos subordinados” estão podendo expor seus pensamentos sem o aval de “detentores do saber”. Segundo Keen (2009, p. 30), “o culto do amador tornou cada vez mais difícil determinar a diferença entre leitor e escritor, artista e relações públicas, arte e publicidade, amador e especialista”. Essa crítica demonstra não-somente o medo de alguns em perder o status e o lugar de pensadores e formadores de opinião, pois essa “gente comum”, de repente, se torna participante real de sua cultura.

Embora o medo corporativo (de jornalistas, editores, músicos etc.) exista, não podemos deixar de mencionar o medo real de cada usuário. De acordo com a *Pesquisa TIC crianças* (CGI-BR, 2012a, p.31), feita em 2010, 25% das crianças de 5 a 9 anos que utilizam a internet afirmaram já terem sentido medo ou perigo na rede:

Observa-se que, conforme aumenta a idade, a criança percebe maior exposição a situações de perigo: aos 5 anos, essa proporção é de 9%; aos 9 anos, de 33%. Ocorre que, aos 5 anos, as crianças desempenham atividades mais limitadas, que não envolvem habilidades como, por exemplo, saber ler, e que oferecem oportunidades mais restritas e menor exposição a riscos. À medida que passam a ter contato com conteúdos mais diversos e sofisticados, usufruem mais das potencialidades que a Internet oferece, e, portanto, a exposição aos riscos também aumenta. Nesse sentido, a mediação do uso da Internet é relevante para que os benefícios da rede sejam maximizados, e os riscos, reduzidos.

A partir dessa informação, podemos repensar um pouco sobre o posicionamento dos pais/responsáveis em relação ao medo e à vigilância. Como

vimos, dos 90 respondentes, 24 não são participantes das redes sociais, 65 são e 1 não se posicionou. Dentre os 24 não participantes, 13 demonstram medo ou atitude de vigilância; dos 65 participantes, são 28 que demonstram medo e/ou vigilância. Além desses, o que não informa se é ou não usuário também relata temer o uso das redes sociais.

Segundo as representações dos pais e responsáveis, o medo é demonstrado a partir das seguintes palavras ou expressões: “preocupação (...) práticas criminosas” (R79), “pessoas mal intencionadas” (R4), “muito risco” (R13), “podem prejudicar a criação de qualquer jovem” (R48), “perigo se não tomarmos os devidos cuidados pois existem pessoas com más intenções e spams” (R54), “muita preocupação” (R59), “privacidade” (R63), “Expectativas negativas” (R64), “Ela esclarece mais [sic] também destroi [sic]” (R65) entre outras.

Já a necessidade de vigia é encontrada nas respostas que expressam as seguintes ideias: “a utilização tem que ser monitorada” (R68), “deve ser monitorado pelos responsáveis” (R25), “necessária a adoção de certos cuidados para evitar-se a exposição exagerada de dados pessoais” (R51), “tem que ser vigiado, pois acontece [sic] muitas coisas ruins” (R27), “estar atentos ao uso que seus filhos fazem” (R32) etc.

Porém, todo esse medo e preocupação não se traduzem em presença cotidiana dos pais nos usos que os filhos fazem da internet, pois a *Pesquisa TIC crianças* (CGI-BR, 2012a) mostrou que as crianças de 5 a 9 anos usam, em grande parte (39%), a internet sozinha e 21% dos pais e/ou responsáveis disseram não controlar ou restringir o uso e acesso das crianças à internet. Entre os que afirmam controlar de alguma forma, 40% orientam por meio de conversa, 34% limitam o tempo de uso e 31% permanecem ao lado da criança durante a navegação. Já 20% afirmam também que verificam o histórico dos conteúdos acessados pela criança na Web e 15% bloqueiam sites que consideram inadequados. No entanto, entre as crianças que são acompanhadas por adultos, apenas 23% participam de redes sociais.

Alguns padrões podem ser observados em relação às estratégias de mediação empregadas pelos pais/responsáveis. Os métodos variam conforme as características do mediador e da criança. Pais/responsáveis que pertencem a classes sociais mais elevadas tendem a mediar mais do que aqueles que pertencem a segmentos sociais desfavorecidos. Conversar para orientar a criança sobre o uso da Internet e controlar seu tempo de uso são tipos de

mediação que ocorrem em todas as classes sociais, já que são estratégias que permeiam a relação entre pais e filhos de forma geral. Em relação a estratégias que requerem maior conhecimento técnico, como bloquear sites e visitar o histórico, quanto mais alta é a classe social, maior é a proporção de pais que utilizam o método. Por exemplo, enquanto 38% dos pais que vivem em domicílios de classe A bloqueiam sites da Internet, isso praticamente não ocorre nos domicílios de classe DE (4%). (CGI-BR, 2012a, p. 32).

A pesquisa *Geração Interativa na Ibero-América* (SALA; CHALEZQUER, 2008, p. 38), realizada entre outubro de 2007 e junho de 2008, corrobora os dados acima. Ela mostra que oito de cada dez crianças de 6 a 9 anos e 95% dos jovens (10-18 anos) são internautas, 63% navegam aos seis anos de idade e 96%, aos dezessete; das crianças na faixa etária de 6 a 9 anos, 40% delas navegam sozinhas, isto é, sem a supervisão de adulto algum. O mesmo acontece com 81% dos jovens (10-18 anos) (MARTINS, 2011, p.26).

### **Finalizando, mas sem finalizar.**

Os *suportes digitais* e as *relações pais e filhos* não são um tema estanque de onde se podem analisar todos os pontos, fatos e consequências e chegar a um resultado definitivo. Somente podemos traçar indícios, pois essas questões pertencem a um tema movediço, rapidamente mutável, que as palavras escritas agora já podem estar ultrapassadas em pouco tempo, devido às mudanças tecnológicas (novas demandas comerciais e sociais) e, por conseguinte, de comportamento das pessoas. A web 2.0 surgiu há cerca de uma década e as redes sociais foram adotadas em massa, no Brasil, faz pouco mais de seis anos. São fenômenos que rapidamente surgem, mas na mesma velocidade se modificam, sendo protagonizados pelos jovens.

Foi justamente esse protagonismo que moveu a presente pesquisa, pois é necessário constatar as percepções dos pais desses jovens, classificados como *imigrantes digitais* (PRENSKY, 2001) por não terem familiaridade com a linguagem da *web*, pois elas nos ajudam a traçar o quadro de uma geração de pais que se vê perplexa diante da liberdade de ação e de associação em rede de seus filhos no ciberespaço.

Em verdade, essa geração estava acostumada com uma relação cuja identidade se produzia com base em uma cultura local derivada de relações

presenciais, utilizando o corpo e o espaço geográfico físico, mas essa realidade mudou, junto com o próprio conceito de comunidade (COSTA, 2005). Por isso a concordância com Turkle (CASALEGNO, 1999) de que não se pode mais distinguir real e virtual. A cultura local se estende para a cultura global e os espaços se entrelaçam e alimentam-se mutuamente à medida que as interações através dos suportes digitais se tornam ubíquas (SANTAELLA, 2010).

A nova linguagem derivada dos novos modos de se criar redes sociais avança e se modifica sem permitir adaptações lentas e suaves. São redes abertas e que se expandem de acordo com os novos perfis e conexões criados, redes do tipo *emergentes* (RECUERO, 2009, p. 94-97), sendo que esta liberdade, traduzida na categoria *relacionamento e comunicação*, foi acompanhada pelo temor diante de tal expansão, gerando categorias como *medo, preocupação, controle e vigilância*.

Se os resultados dessa pesquisa rapidamente envelhecem, esse campo de estudo deve estar sempre em foco e ser reatualizado constantemente, pois a sociedade conectada pelos suportes digitais não parece de modo algum um fenômeno passageiro. É muito importante, por exemplo, acompanhar as relações de *medo, vigilância, preocupação, proibição, orientação e controle*, vividas por pais/responsáveis e seus filhos, pois esses valores tendem a se modificar de acordo com as novas vivências e rumos que a sociedade e as culturas locais tomam. É bom lembrar que a maioria das visões negativas a respeito das redes sociais na internet veio daqueles que nunca as utilizaram em seu cotidiano.

Talvez com o passar do tempo e a maior familiaridade dos “imigrantes digitais” com as redes sociais na internet, através de uma profunda imersão e inserção efetiva delas nas atividades cotidianas, inclusive nos momentos de entretenimento e lazer, o medo seja minorado em favor de concepções mais ajustadas às vivências e realidades negociadas nesses ainda novos espaços. É bom lembrar que um quarto dos respondentes nunca havia usado redes sociais na internet, embora se sentissem qualificados a responder o que pensavam a respeito das mesmas. A adoção de concepções gerais, espalhadas pela mídia de massa que opõe ora um lado positivo e ora um lado negativo, conforme alertamos, tende a ser adotada por parte daqueles que não estão imersos e familiarizados com os novos ambientes online.

Diante de tantas transformações, percebe-se que os jovens, nesta sociedade globalizada e midiática em que vivemos, precisam exercitar o pensamento crítico, para não serem ludibriados por leitores do mundo mais vorazes, razão esta mais que justa na preocupação e receio dos pais quando eles entram em redes que potencialmente podem levar ao contato com qualquer pessoa no planeta. A *cultura do medo* se torna ampliada a partir da liberdade de criação de laços com pessoas desconhecidas, um motivo justo para as reações expressadas pelos pais, mas que não precisam ser definitivas.

Parte da sociedade está se construindo com uma intensa rede de comunicação mediada pelos suportes digitais, sejam *fixos e pesados* ou *portáteis, leves e móveis* (ubíquos), mas permanentemente conectados. Isso significa que a leitura e as escolhas através de leituras – afinal grande parte da Web se constrói a partir de produções textuais escritas e de leituras de textos escritos e visuais – são cada vez mais comuns. E isso passa por todos os meios à nossa disposição para comunicarmo-nos, socializarmo-nos e aprendermos.

Em suma, as crianças em idade escolar têm como demanda aprender a ser cidadãos críticos e, através dessa competência, poderem participar ativamente da vida pública. Entretanto, para que tudo isso ocorra, urge um trabalho conjunto entre escola e família, entre professores, pais e alunos. Ambas as instituições têm de acompanhar as etapas de desenvolvimento da sociedade digital para não apresentar apenas posições depreciativas embasadas pelo senso-comum.

É preciso superar a *visão de extremos*, dicotômica, por uma que englobe a vivência cotidiana com os suportes digitais e permita a inclusão daqueles que ainda se considerem imigrantes e menos capazes de acompanhar a rapidez dos fluxos informacionais e sociais nas redes online. A vivência nesses novos espaços deve trazer a naturalização e, com isso, uma aproximação maior das gerações, visando superar o *desnível experiencial da díade alunos-pais (ou nativo-imigrante)*, caso seja possível face às novas etapas que provavelmente virão.

## Referências

BARAN, Paul. *On distributed communications: I. Introduction to distributed communications networks*. In: Memorandum RM-3420-PR, August 1964. Santa Mônica: The Rand Corporation, 1964.

BRETON, Philippe. *Le culte de l'Internet: uma menace pour le lien social?* Paris: La Découverte, 2000.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet*. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

CASALEGNO, Federico. 1999. Sherry Turkle: fronteiras do real e do virtual. *Famecos*, Porto Alegre, n. 11, p. 117-123, dez. 1999.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. *Pesquisa sobre o uso de tecnologias de informação e comunicação no Brasil – TICs Crianças 2010*. São Paulo, Brasil: CGI-BR, 2012a. Disponível em: <<http://op.ceptro.br/cgi-bin/cetic/tic-criancas-2010.pdf>>. Acesso em: 19 novembro 2012.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. *Pesquisa sobre o uso de tecnologias de informação e comunicação no Brasil – TICs Provedores*. São Paulo, Brasil: CGI-BR, 2012b. Disponível em: <<http://op.ceptro.br/cgi-bin/cetic/tic-provedores-2011.pdf>>. Acesso em: 09 janeiro 2013.

COSTA, Rogério da. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 9, n. 17, p. 235-248, mar./ago. 2005.

GOES, Gisele. Facebook continua líder e Orkut teve a maior queda no Brasil, revela estudo. *Techtudo*, 23 agosto 2012. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2012/08/facebook-continua-lider-e-orkut-teve-a-maior-queda-no-brasil-revela-estudo.html>>. Acesso em: 10 janeiro 2013.

KEEN, Andrew. *O culto do amador: como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A interação pela linguagem*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2011. Medos urbanos e mídia: o imaginário sobre juventude e violência no Brasil atual. *Sociedade e Estado* 26 (no. 3, september-december): 471-485.

LANDIM, Wikerson. Brasil já tem mais celulares ativos do que habitantes. *Tecmundo*, 19 julho 2012. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/celular/26912-brasil-ja-tem-mais-celulares-ativos-do-que-habitantes.htm>>. Acesso em 11 janeiro 2013.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro, RJ: Editora 34, 1999.

LUSTYIK, Katalin. Vivemos em uma cultura mundial compartilhada?. In: MAZZARELLA, Sharon R. (Org.). *Os jovens e a mídia: 20 questões*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MACEK, Jakub. *Defining cyberculture* (v. 2). 2005. Disponível em: <[http://macek.czechian.net/defining\\_cyberculture.htm](http://macek.czechian.net/defining_cyberculture.htm)>. Acesso em: 07 abril 2012.

MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida Campos Mamede; ROSADO, Luiz Alexandre da Silva; MARTINS, Tatiane Marques de Oliveira. 2011. *Digital medias in school: the everlasting transitional phase? Appropriation and perspectives found among students and teachers*. In: BIENNIAL OF THE INTERNATIONAL STUDY ASSOCIATION ON TEACHERS AND TEACHING. 15., 2011, Braga, Portugal. Anais: Back to the Future: Legacies, Continuities and Changes in Educational Policy, Practice and Research. Braga: CIEd, 2011.

MARTINS, Tatiane Marques de Oliveira. *As mídias digitais na e além da sala de aula*. 163 p. Dissertação (Mestrado em Educação), Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, Brasil. 2011.

O'REILLY, Tim. What is web 2.0. *Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software*. 2005. Disponível em: <<http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html>>. Acesso em: 25 agosto 2009.

PRENSKY, Marc. Digital natives, digital immigrants. *On the Horizon*, v. 9, n. 5, p. 1-6, out. 2001.

PRIMO, Alex. *Interação mediada por computador*. Porto Alegre, RS: Sulina, 2007.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre, RS: Sulina, 2009.

SALA, Xavier Bringué; CHALEZQUER, Charo Sádaba (coord.). *Geração interativa na Ibero-América: crianças e adolescentes diante das telas*. Coleção Fundación Telefónica, Ariel, 2008. Disponível em: <[http://www.educarede.info/web/biblioteca/LivroGGII\\_Port.pdf](http://www.educarede.info/web/biblioteca/LivroGGII_Port.pdf)>. Acesso em: 01 fevereiro 2011.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo, SP: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lucia. A aprendizagem ubíqua substitui a educação formal? *ReCeT - Revista de Computação e Tecnologia*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 17-22, 2010.

SANTOS, Luciana Oliveira dos. O medo contemporâneo: abordando suas diferentes dimensões. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 23, n. 2, p. 48-55, jun. 2003.

SHIRKY, Clay. *Lá vem todo mundo: o poder de organizar sem organizações*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SHIRKY, Clay. *A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado*. Trans. Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SILVA, Marco. 2006. *Sala de aula interativa*. 4 ed. Rio de Janeiro, RJ: Quartet, 2006.

TEIXEIRA, Maria do Rocio Fontoura. *Redes de conhecimento em ciências e o compartilhamento do conhecimento*. 141 p. Tese (Doutorado em Educação em Ciências), Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Porto Alegre, 2011.

TURKLE, Sherry. *Alone together: why we expect more from technology and less from each other*. New York: Basic Books, 2011.

WIKIPEDIA CONTRIBUTORS, “*Rede social*”. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Rede\\_social&oldid=33172192](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Rede_social&oldid=33172192)>. Acesso em: 09 janeiro 2013.

ZUIN, Antônio A. S. *Violência e tabu entre professores e alunos: a internet e a reconfiguração do elo pedagógico*. São Paulo, SP: Cortez, 2012.

Submetido em 24/01/2014, aprovado em 21/11/2014